

A SEMANA – 135

John Gledson

A maior parte desta crônica baseia-se num incidente trágico-cômico, ocorrido na praça da República, na quinta-feira, e que foi noticiado em muitos jornais na sexta. Trágico porque morreu alguém: cômico porque as pessoas mostraram seus brios sem necessidade, e num cenário meio teatral – os pavilhões destinados à distribuição das medalhas que a comissão militar uruguaia trouxera para os soldados brasileiros, e que já deviam ter sido retirados. Tudo se passou, também, diante de uma torcida numerosa. É este elemento teatral (com seu quê de absurdo) que atrai Machado. Caracteristicamente, leva tudo a um extremo; imagina que fosse um drama mesmo, em que “tudo fosse escrito”, e que, portanto, os fatos “nus” tivessem um sentido e uma ordem que obviamente não tinham. Por isso – para justapor a “fonte” à versão cronística – decidi copiar a reportagem inteira da *Gazeta*, embora seja bem provável que Machado tenha lido outras versões também. A transformação tem certo interesse na história criativa do autor, sobretudo porque Machado, aqui, em escala menor, faz o que faria ao longo de um romance inteiro – *Dom Casmurro*, onde Bentinho toma fatos bem possivelmente avulsos e insignificantes e faz com que se conformem todos à “peça” que está escrevendo. Machado aqui estreia uma ideia, a de a sorte ser o “ponto” do drama, que reaparece num dos capítulos-chaves do romance, o LXXIII (“O contrarregra”). Este drama ao menos é mais interessante que a monótona lei de Lynch, aludida em vários jornais, de enredo ultraprevisível.

Na parte final da crônica, Machado lança mão de um artifício que já lhe servira no passado (por exemplo, na crônica de “Bons Dias!” de 16 de junho de 1888), o de “personificar” uma palavra para comentar as peripécias da sua história, neste caso de desgaste. Também ressuscita Morais, autor do famoso dicionário, que devia merecer sua simpatia, em parte pela origem carioca.

Esta crônica consta da antologia de Mário de Alencar, p. 196-200.



A SEMANA

30 de dezembro de 1894

[Edição, apresentação e notas por John Gledson]

A sorte é tudo. Os acontecimentos tecem-se como as peças de teatro, e representam-se da mesma maneira. A única diferença é que não há ensaios; nem o autor nem os atores precisam deles. Levantado o pano, começa a representação, e todos sabem os papéis sem os terem lido. A sorte é o ponto.

Esse pequeno exórdio é a melhor explicação que posso dar do drama da praça da República, e a mais viva condenação da teimosia com que alguns jornais pediram a demolição dos pavilhões e arcos das festas uruguaias.¹ Ainda bem que não pediram

¹ A reportagem na qual Machado se baseia, principalmente para a primeira parte da crônica, encontra-se na *Gazeta* de sexta-feira, 28 de dezembro, p. 1, col. 4. Embora meio comprida, vale a pena citá-la por inteiro, para que o leitor possa comparar o “original” e a crônica que Machado tirou daí. Vinha sem manchete:

“Ontem, às 8½ horas da manhã, o italiano Ercolino Gentil, morador à rua do Alcântara n. 60, encarregado da guarda e conservação dos objetos que serviram para os festejos promovidos na praça da República, por ocasião da entrega das medalhas, tendo subido ao Pantheon, foi inopinadamente agredido e ferido com um golpe de navalha por um indivíduo que ali se achava oculto.

Comunicado o fato ao Sr. Dr. Aristides, delegado da 9ª circunscrição, compareceu este imediatamente, sendo já enorme a multidão de curiosos que com insistência exigiam a prisão do indivíduo que ali se achava oculto.

Este, que se conservava em atitude agressiva, não consentia que ninguém subisse a escada para ir ao seu encontro, fazendo nascer a indignação da parte do povo, que de toda maneira queria apoderar-se do indivíduo.

Finalmente, depois de esgotados todos os meios prudentes e conselhos dirigidos ao indivíduo para que descesse, apareceram os cidadãos João Serpa, João Evangelista de Sousa, Vitorino Baía e Wermesso Henri, que se dispuseram a subir ao Pantheon e efetuar a prisão do indivíduo. Lá chegando, tiveram de travar renhida luta com o criminoso, que se achava armado com um varão de ferro e com uma navalha, ficando todos feridos em diversas partes do corpo.

Dois cabos de esquadra do 10º batalhão de infantaria do exército, de nomes José Alves Bezerra e Manuel Luís dos Santos, e o paisano José Vieira Borges, morador à rua Oliveira Fausto n. 25, vendo que aqueles indivíduos não conseguiam efetuar a prisão, subiram ao Pantheon e envolveram-se na luta.

Poluceno Antônio de Almeida, morador no Engenho Novo, subindo também, caiu-lhe na cabeça uma tábua, quando se achava em meio da escada, resultando-lhe uma ferida contusa.

Na ocasião da terrível luta os referidos cabos de esquadra e Borges caíram desastrosamente sobre umas tábuas que estavam no assoalho do Pantheon, ocasionando a morte do de nome Bezerra, fratura de um braço de Santos e muitos ferimentos na cabeça de Borges.

também a eliminação de três grinaldas de folhas secas, já sem cara de folhas, que ainda pendem dos arcos de gás na rua de S. José. Oh! não me tirem essas pobres grinaldas! Não fazem mal a ninguém, não tolhem a vista, não escondem gatunos, e são verdadeiras máximas. Quando desço por ali, com a memória cheia de algumas folhas verdes que vieram comigo no bonde, acontece-me quase sempre parar diante delas. E elas dizem-me coisas infinitas sobre a caducidade das folhas verdes, e o prazer com que as ouço não tem nome na terra nem provavelmente no céu. *Ergo bibamus!*² E aí me vou contente ao trabalho. Não é novo o que elas dizem, nem serão as últimas que o dirão. A banalidade repete-se de século a século, e irá até à consumação dos séculos; não é folha que perca o viço.

Vindo ao pavilhão da praça da República, o acontecimento de quinta-feira provou que ele era necessário, porque a sorte, que rege este mundo, já estava com o drama nas mãos para apontá-lo aos atores. E os atores foram cabais no desempenho. O gatuno³ que resistiu ao ataque de alguns homens de boa vontade dava um magnífico bandido. Um simples gatuno não defende com tanto ardor a liberdade, posto que a liberdade seja um grande benefício. As armas do gatuno são as pernas. Ele foge ao clamor público, à espada da polícia, à cadeia; pode dar um cascudo, um empurrão; matar, não mata. É certo que o tal Puga não podia fugir; mas os Pugas de lenços e outras miudezas, em casos tais, não tendo por onde fugir, entregam-se; preferem a prisão simples aos complicados remorsos. Nem lenços nem carteiras deixam remorsos. A própria casa, apólices, terrenos e outros bens, havidos capciosamente, não tiram o sono. O sangue, sim, o sangue perturba as noites.

Daí veio a suspeita de ser este Puga doido, – e parece confirmá-la a declaração que ele fez de chamar-se Jesus Cristo. A declaração não basta, e podia ser um

O indivíduo, que ali se achava oculto, foi conduzido preso para o quartel do 24º batalhão e daí para a 9ª estação policial, devendo-se à intervenção da polícia, das praças do exército e de alguns cidadãos não ter sido o mesmo linchado pelo povo, que se mostrava indignado.

Na estação policial revelou o indivíduo estar sofrendo das faculdades mentais, tendo declarado a princípio que se chamava Antonio Casas y Puga, espanhol, e mais tarde que o seu verdadeiro nome era *Jesus Cristo*.

Puga, que ficou muito ferido na cabeça e em outras partes do corpo, foi conduzido em carro, convenientemente escoltado por praças de cavalaria, para a enfermaria da Casa de Detenção, depois de ser contra o mesmo lavrado o respectivo auto de flagrante.

Os indivíduos feridos foram submetidos a corpo de delito pelos médicos da polícia.

E a morte do pobre cabo de esquadra, e os ferimentos mais ou menos graves dos outros indivíduos, tudo se teria evitado com um pouco de calma e uma simples providência.

Mandasse a autoridade policial retirar a escada por onde o homem havia subido para a cúpula do pavilhão, que ele havia por força de entregar-se pela fome.

– Esta não lembra ao diabo! diria o cônego Felipe.”

Os outros jornais que pude consultar não diferem sustancialmente da *Gazeta* – não encontrei o detalhe dos apupos aos que não ousavam subir, embora seja bem provável que estivesse noutra jornal. Talvez seja de interesse mencionar que *O Paiz* também viu as possibilidades dramáticas da cena, “de natureza cômica e que por fim teve um desenlace imprevisto e trágico.”

² “Então, vamos beber” – em latim. É o título de uma famosa canção estudantil de Goethe (1749-1832).

³ Na *Gazeta* e em Mário de Alencar aqui há uma vírgula, que Aurélio tira, com razão.

estratagemas; mas há tal circunstância que me faz crer que ele é deveras alienado: é ser espanhol. Os bandidos espanhóis, embora salteiem e despojem a gente, não deixam de respeitar a religião. Dizem que levam bentinhos consigo, ouvem missas, quase que confessam os seus pecados.

A tragédia, se deveras é doido, foi assim mais trágica. Essa luta em um desvão, entre um louco e alguns homens valentes, um dos quais morreu e os outros saíram feridos, deve ter sido extraordinariamente lúgubre. Tal espetáculo, é claro, estava determinado. Era preciso que fosse em lugar que pudesse conter o milhar de espectadores que teve; logo, a praça da República; devia ser no alto de edifício vazio e livre, para onde só se pudesse ir por uma escada de mão; logo, o pavilhão das festas. Tudo vinha assim disposto, era só cumpri-lo à risca.

Os espectadores, que também fizeram parte do espetáculo, desempenharam bem o seu papel, mas parece que o haviam aprendido em Shakespeare. Assim é que, simultaneamente aplaudiam os corajosos que subiam a escada de mão, e apupavam os que iam só a meio caminho e desciam amedrontados. Aclamações e assobios, de mistura, enchiam os ares, até a cena final, quando o Puga, subjogado, desceu ferido também. Aí Shakespeare cedeu o passo a Lynch, outro trágico, sem igual gênio, mas com a mesma inconsciência do gênio, cujo único defeito é não ter feito mais que uma tragédia em sua vida. A polícia interveio para se não representar essa outra peça, e, se salvou a vida ao Puga, praticou um ato muito menos liberal, que foi restaurar a censura dramática.

Ao enterramento do soldado que acabou a vida naquela luta, creio que acompanhou menos gente, os que pegaram no caixão, e alguns amigos particulares, se é que os tinha. O cocheiro acompanhou porque ia guiando os burros. Concluamos que o homem ama a luta e respeita a morte; entusiasta diante do herói, fica naturalmente triste e solitário diante do cadáver, e deixa-o ir para onde todos havemos de ir, mais tarde ou mais cedo.

Resumindo, direi ainda mais uma vez que a sorte é tudo, e não são só os livros que têm os seus fados.⁴ Também os têm os arcos e os pavilhões. Que digo? Também os têm as próprias palavras. Há dias, o Sr. general Roberto Ferreira, referindo-se a uma notícia, encabeçou o seu artigo com estas palavras: *Consta,⁵ não; é exato.⁶* E todos discutiram o artigo, afirmando uns que constava, outros que era exato. A reflexão que

⁴ Machado traduz uma frase latina, “habent sua fata libelli”, que cita noutras ocasiões: “os livros têm o seu destino”; são palavras do verso 1.286 de *De litteris, de syllabis, de metris*, de Terenciano Mauro, gramático que viveu no fim do segundo século d.C.

⁵ Esta vírgula está na *Gazeta* e em Mário de Alencar. Aurélio omitiu.

⁶ O general Roberto Ferreira (1834-1915) era defensor da República: entre outras coisas, tinha conseguido rechaçar os revoltosos da Armada quando procuravam desembarcar na ponte de Armação. Verossimilmente, trata-se de alguma polémica sobre a luta, talvez travada nos apedidos, onde era frequente “afirmar uns que constava, outros que era exato”. Infelizmente, não localizei o artigo, mas talvez a matéria (e o autor) explique o pouco interesse de Machado pelo artigo em si.

tirei daí foi longa e profunda, não por causa da matéria em si mesma, que não é comigo, mas por outra causa que vou dizer, não tendo segredos para os meus leitores.

Conheço desde muito o velho *Constar*, era eu bem menino; lembra-me remotamente que foi um carioca, Antônio de Moraes Silva,⁷ que o apresentou em nossa casa. Velho, disse eu? Na idade, era-o; mas na pessoa era um dos mais robustos homens que tenho visto. Alto, forte, pulso grosso, espáduas longas; dir-se-ia um Atlas. O moral correspondia ao físico. Era afirmativo, autoritário, dogmático. Quando referia um caso, havia de crer-se por força. As próprias histórias da carocha, que contava para divertir-nos, deviam ser aceitas como fatos autênticos. O carioca Moraes, que tenho grande fé nele, dizia que era assim mesmo, e ninguém podia descrever de um, que era arriscar-se a levar um peteleco de ambos.

Poucos anos depois, tornando a vê-lo, caiu-me a alma aos pés – a alma e o chapéu, porque ia justamente cumprimentá-lo, quando lhe ouvi dizer com a voz trêmula e abafada. “Suponho... ouvi que... dar-se-á que seja?... Tudo é possível.” Não me conhecia! Respondi-lhe que era eu mesmo, em carne e osso, e indaguei da saúde dele. Algum tempo deixou vagar os olhos em derredor, cochilou do esquerdo, depois do direito, e com um grande suspiro, redarguiu que ouvira dizer que ia bem, mas não podia afirmá-lo; era matéria incerta. “Macacoas”, disse-lhe eu rindo para animá-lo. “Também não, isto é, creio que não”, respondeu o homem. Dei-lhe o braço, e convidei-o a ir tomar café ou sorvete. Hesitou, mas acabou aceitando.

Conversamos cerca de meia hora. Deus de misericórdia! Não era já o dogmático de outro tempo, cujas afirmações, como espadas, cortavam toda discussão. Era um velho tonto, vago, dubitativo, incerto do que via, do que ouvia, do que bebia. Tomou um sorvete, crendo que era café, e achou o café extremamente gelado. Há sorvetes de café, disse eu, para ver se o traria à afirmação antiga; concordou que sim, embora pudesse⁸ ser que não. Um cético! um triste cético!

Que é isto senão a sorte? A sorte, e só ela, tirou ao velho *Constar*⁹ o gosto das ideias definitivas e dos fatos averiguados. A sorte,¹⁰ e só ela, decidirá da eleição do dia 6 de janeiro.¹¹ Podem contar, somar e multiplicar os votos; a eleição há de ser o que ela quiser. A peça está pronta. Não nos espantemos do que virmos; preparemo-nos para analisar as cenas, os lances, o diálogo, porque a peça está feita.

A sorte acaba de golpear-me cruamente. Sempre cuidei que o meu silêncio modesto e expressivo indicasse ao Sr. presidente da República onde estava a pessoa mais apta (posso agora dizê-lo sem modéstia), para o cargo de prefeito. S. Ex. não me

⁷ O famoso *Dicionário da língua portuguesa pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado e acrescentado por Antônio de Moraes Silva, natural do Rio de Janeiro* foi publicado em Lisboa em 1789. Sua definição de “constar” é “saber-se de certo”.

⁸ Por engano, vem aqui “pudesser” no jornal.

⁹ Há aqui uma vírgula na *Gazeta* e em Mário de Alencar. Aurélio a omite.

¹⁰ Na *Gazeta* e em Mário de Alencar não há vírgula; Aurélio a acrescenta.

¹¹ Estas eleições, já referidas mais de uma vez nestas crônicas, eram para o Conselho Municipal.

viu. *Outrageous Fortune!*¹² Tu és a causa desta preterição. Sem ti, o prefeito era eu, e eu te pagaria, sorte afrontosa, elevando-te um templo no mesmo lugar onde está o pavilhão das festas uruguaias.



¹² Palavras do solilóquio “To be or not to be”, de *Hamlet* (ato III, cena 1). “Whether ‘tis nobler in the mind to suffer / The slings and arrows of outrageous fortune / or to take arms against a sea of troubles / And by opposing end them?”. Na tradução de Machado, de 1873: “Acaso / É mais nobre a cerviz curvar aos golpes / Da ultrajosa fortuna, ou já lutando / Extenso mar vencer de acerbos males?”.